

EUROPA: TEATRO DE UMA GUERRA NUCLEAR?

*Por Alexandre del Valle**



Brussels Morning.

A expansão da OTAN transformou a Europa novamente no potencial teatro de operações de uma “batalha nuclear avançada” nas fronteiras com a Rússia.

Certamente, o cenário de um conflito nuclear entre a Rússia e o Ocidente em torno da questão ucraniana ou outras é quase impossível, dado o princípio de dissuasão de tal arma. Em nível estratégico, a situação ainda é preocupante: em 2 de agosto de 2019, após mais de 20 anos de discórdia e de pressão americano-ocidental em direção ao território russo, os Estados Unidos abandonaram o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF), uma decisão com graves consequências que levou a Rússia a fazer o mesmo em resposta. E em novembro de 2019, o Pentágono reafirmou que o poder nuclear poderia ser utilizado como qualquer outra arma contra objetivos militares inimigos.

Os exercícios e manobras navais anuais da Aliança Atlântica têm ocorrido desde 2016 de forma cada vez mais intensa, do Báltico ao Mar Negro. Veículos blindados americanos desfilam na Finlândia, Estônia, Romênia, Bulgária e especialmente na Polônia. Os exercícios mobilizam seis mil soldados de 10 países da OTAN, bombardeiros, caças e helicópteros na zona do Báltico. Entre 2000 e 2019, a Aliança inaugurou instalações estratégicas de sistemas antimísseis na Romênia e na Polônia, instalações de radar na Turquia e, em seguida, navios de guerra americanos no Mediterrâneo.

Desde janeiro de 2021, os Estados Unidos e a Aliança Atlântica colocaram suas tropas em alerta máximo após o reinício dos combates na Ucrânia e denunciam uma estratégia de intimidação por parte da Rússia. O secretário-geral da OTAN reiterou seu total apoio ao campo ucraniano e ao presidente Volodymyr Zelensky que, segundo rumores, teria preparado uma ofensiva com vistas à recuperação dos territórios de Donbass ocupados por forças pró-Rússia.

Desde o início de 2021, a Rússia acusou o exército ucraniano de bombardear maciçamente aldeias pró-Rússia no leste da Ucrânia e Washington de enviar navios de guerra para o Mar Negro e tropas para a fronteira russa e para o Mar Báltico: 40.000 soldados e 15.000 peças de armamento e veículos, incluindo aeronaves estratégicas. Quinhentas tropas americanas adicionais também foram posicionadas na Alemanha para o caso de uma escalada.

A Ucrânia e os Estados Unidos, por sua vez, acusam a Rússia de ter destacado mais de 80 mil soldados para a Crimeia desde 2014 e de preparar uma ofensiva em caso de recaptura de territórios pró-Rússia por Kiev. Em resposta ao que analisa como uma ameaça existencial pela OTAN, a Rússia realizou treinamento de artilharia no Mar Negro em 14 de abril de 2021, tendo depois enviado parte da sua frota, bem como helicópteros da aviação naval.

Para os Estados Unidos e a OTAN, o inimigo é, mais do que nunca, a Rússia. O “Ato Fundador OTAN-Rússia”, assinado em 1997, que comprometeu a Aliança a não mobilizar forças adicionais nos novos países membros da Aliança Atlântica, está morto, pelo menos na prática. Com o alargamento da OTAN às fronteiras da Rússia, fonte de uma neo-Guerra Fria, esta ruptura no equilíbrio estratégico empurrou a Rússia ainda mais para os braços da China. Para Moscou, o projeto do governo “neoconservador” de George Bush Jr., nos anos 2004-2007, que visava instalar um escudo antimísseis na Polônia e na República Checa, subitamente desafiou sua dissuasão nuclear às portas de Moscou. Recorde-se que este projeto foi lançado em 2001, após a decisão de George Bush de retirar os Estados Unidos do Tratado de Não Proliferação de Mísseis Antibalísticos de 1972.

Certamente, a instalação de sistemas antimísseis americanos na Europa Central e Oriental foi oficialmente dirigida “contra o Irã”. Mas poderia de fato destruir qualquer míssil, sendo percebido, com ou sem razão, por Moscou, como não oficial e concretamente voltado contra a vizinha Rússia. Os sistemas antimísseis SM-3 não equipados com ogivas explosivas podem de fato tornar-se “ofensivos” se forem equipados com Tomahawks armados com ogivas nucleares, por exemplo. As baterias de mísseis/antimísseis instaladas na Polônia e na Romênia e o reforço das tropas americano-atlantistas na Polônia e nos Estados Bálticos constituíram uma “desestabilização estratégica” para Moscou, porque a dissuasão nuclear só pode funcionar se ambas as partes estiverem certas de que uma guerra atômica não pode ser vencida, sendo a destruição infligida inaceitável. Porém, assim que uma das partes acredita que pode neutralizar os disparos do adversário, fica tentada a efetuar um “primeiro ataque”.

Para Vladimir Putin, que alertou seus parceiros americanos e europeus para o risco aumentado de uma guerra total entre a Rússia e o Ocidente em seu famoso discurso proferido durante a 43ª edição da Conferência de Segurança de Munique,

realizada em 10 de fevereiro de 2007 em Munique, estas instalações, tendo capacidade para se tornarem bases de partida para ataques diretos (os “antimísseis” supostamente “defensivos” poderiam se tornar mísseis ofensivos), constituíam uma “ameaça existencial” que os Estados Unidos e os seus zelosos aliados revanchistas antirrussos da Europa do Leste não quiseram levar em consideração, ainda que Barack Obama reduzisse ao mínimo a instalação de mísseis na Polônia e na Romênia, numa lógica de procurar um *reset* com Moscou.

Assim, em 2009, pouco depois da sua eleição, o ex-presidente americano substituiu-o por outro sistema (*Theater Ballistic Missile Defense*, TBMD), certamente menor geograficamente (Romênia), mas ainda problemático para a Rússia. Confrontada com este desafio à sua capacidade de “segundo ataque” (princípio básico de sua dissuasão nuclear estratégica), a Rússia suspendeu então toda a cooperação dentro do Conselho OTAN-Rússia. A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 serviu então como pretexto retrospectivo para a OTAN justificar a proteção estratégica da Europa face à “ameaça russa”. Em resposta, Moscou, por sua vez, implantou lançadores móveis do sistema terra-terra Iskander no enclave de Kaliningrado. Vladimir Putin anunciou então o desenvolvimento pela Rússia de uma série de novas armas estratégicas, todas consideradas quase impossíveis de interceptar e capazes de atacar em qualquer ponto do globo.

No final, a América unilateralista, ao favorecer constantemente a expansão da OTAN, bem como a implantação de sistemas antimísseis em direção ao Leste, às portas da Rússia, conseguiu fazer da Europa novamente o teatro de operações de uma “batalha nuclear avançada” nas fronteiras com a Rússia... Este processo – iniciado desde os anos 1992-1998-2003 – de exclusão ocidental da Rússia, designada como inimiga suprema até que a profecia se tornou realidade quando a Rússia se tornou revisionista e caiu na armadilha da reação desproporcional, acabou se tornando realidade e tornou possível perpetuar e até alargar o domínio atlântico-americano no continente europeu (Com a entrada adicional da Suécia – atrasada pela Turquia – e da Finlândia – já efetiva na OTAN) e, portanto, sua divisão e subjogação estratégica duradoura. Voltamos assim ao equivalente à Guerra Fria, desta vez sem muro, mas estrategicamente muito pior.

Publicado no [Le Dialogue](#).

***Alexandre del Valle** é doutor em História Contemporânea e Geopolítica, pesquisador em Ciência Política, analista geopolítico e estudioso do islamismo, das relações EUA-Europa-Rússia e do mundo multipolar. É pesquisador associado do Centro de Assuntos Estrangeiros e Políticos (CPFA) e do Centro Francês de Pesquisa de Inteligência (Cf2R). Publicou vários livros e ensaios na França e na Itália.
